

IMAGINAR PARA INCLUIR: REFLEXÕES EDUCACIONAIS A PARTIR DA SÉRIE ANNE COM E.

Arthur Ayac Silva Araujo ¹
Franciele Martins dos Santos ²
Layara Abreu da Silva ³
Luciana Simão Vieira Silva ⁴

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as reflexões pedagógicas presentes na série *Anne with an E*, a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, fundamentada em autores que discutem a prática docente, os processos inclusivos e o desenvolvimento da criatividade na educação. A série, ambientada no final do século XIX, retrata um sistema educacional tradicional e excludente, no qual a protagonista Anne Shirley se destaca por sua imaginação, inteligência e sensibilidade diante dos desafios escolares e sociais. A narrativa apresenta discussões sobre o papel do professor, o preconceito social, as dificuldades enfrentadas por alunos que não se enquadram nos padrões da época, e a forma como o ambiente escolar pode contribuir ou não para a construção da autonomia e autoestima dos estudantes. A análise se concentra nas relações entre Anne e seus professores, nas experiências vivenciadas no espaço da escola e nos elementos pedagógicos que se aproximam ou se distanciam das abordagens contemporâneas de ensino. Como resultado, identificam-se aspectos que contribuem para uma prática docente mais inclusiva, como a escuta sensível, o acolhimento das diferenças, o incentivo ao pensamento crítico e a valorização da subjetividade. O estudo evidencia como a trajetória da personagem pode inspirar educadores a repensarem suas práticas, promovendo uma educação mais significativa, empática e transformadora. Conclui-se que *Anne with an E* ultrapassa os limites de uma obra ficcional e se configura como um material rico para reflexões pedagógicas, pois levanta questões ainda pertinentes no contexto educacional atual, como a luta contra a exclusão, a defesa do direito à educação e a importância de metodologias que valorizem a criatividade e a liberdade de expressão.

Palavras-chave: Educação, Inclusão, Criatividade, Prática docente, *Anne with an E*.

INTRODUÇÃO

A série televisiva *Anne with an E*, inspirada no clássico literário *Anne of Green Gables* de Lucy Maud Montgomery, transporta o espectador para o final do século XIX, acompanhando a jornada de Anne Shirley, uma jovem órfã de imaginação vívida e intelecto

¹ Graduado em Licenciatura em Química pela Universidade Estadual de Alagoas, Pós-Graduado no Ensino de Biologia e Ciências pela Faculdade Serra Geral e Graduando do Curso EAD/UAB de Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas - AL, arthur.ayac.lanza@gmail.com;

² Graduanda do Curso EAD/UAB de Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas - AL, fms22@aluno.ifal.edu.br;

³ Graduanda do Curso EAD/UAB de Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas - AL, l3@aluno.ifal.edu.br

⁴ Graduanda do Curso EAD/UAB de Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas - AL, las26@aluno.ifal.edu.br;



aguçado. Adotada por engano em uma comunidade rural e conservadora, Anne se depara com um sistema social e educacional que valoriza a ingênuez, a homogeneidade e a submissão. A narrativa, contudo, transcende o drama de época ao explorar com sensibilidade temas de notável atualidade, como o preconceito, as desigualdades de gênero e classe, e o bullying escolar.

Nesse contexto, a série emerge como um potente artefato cultural para a reflexão pedagógica contemporânea. A trajetória da protagonista, que utiliza a criatividade e a resiliência para confrontar um ambiente excludente, permite analisar o papel da escola na formação de sujeitos críticos e autônomos. A educação, como nos alerta Paulo Freire (1996), jamais é neutra: ela pode ser um instrumento para a opressão e a reprodução de desigualdades ou, inversamente, uma "prática da liberdade". A jornada de Anne ilustra vividamente essa dualidade, tensionando o modelo de "educação bancária" e apontando para possibilidades de uma prática docente mais libertadora.

O objetivo principal deste estudo é, portanto, analisar as reflexões pedagógicas que emanam da série *Anne with an E*, com foco nas práticas educativas, nas relações interpessoais no ambiente escolar e nos processos de inclusão e exclusão ali retratados. A pesquisa busca identificar como a narrativa ficcional, por meio de seus personagens e conflitos, pode inspirar a construção de uma prática docente mais empática e significativa. Para tanto, a discussão se ampara no conceito de educação inclusiva, que, segundo Maria Teresa Eglér Mantoan (2003), implica uma reestruturação da cultura escolar para que as diferenças não sejam vistas como problemas, mas como a própria essência do processo educativo.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com um delineamento bibliográfico e interpretativo. A análise crítica de episódios selecionados da série constitui o corpus da pesquisa, sendo as cenas interpretadas à luz de referenciais teóricos da pedagogia. A figura da professora Muriel Stacy, por exemplo, será analisada a partir da perspectiva do educador como um "profissional reflexivo", conceito desenvolvido por Donald Schön (2000), que define o bom professor como aquele que pensa sobre sua própria prática e a reconfigura constantemente. Da mesma forma, a valorização da imaginação de Anne será conectada às ideias de John Dewey (2010), para quem a experiência estética é central para uma aprendizagem significativa e para a própria constituição do ser humano.

Dessa forma, ao entrelaçar a análise da obra ficcional com fundamentos teóricos da educação, este artigo argumenta que *Anne with an E* transcende o entretenimento para se tornar uma rica fonte de inspiração pedagógica. A série nos convida a repensar a escola, não como um espaço de normalização, mas como um ambiente de acolhimento das singularidades, onde a imaginação e o pensamento crítico são cultivados como ferramentas essenciais para a transformação do mundo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, voltada à análise de elementos pedagógicos presentes na série televisiva *Anne with an E*. O estudo se fundamenta na compreensão de que a linguagem artística pode funcionar como instrumento de reflexão crítica sobre a realidade educacional, sendo, portanto, um campo legítimo para o desenvolvimento de investigações na área da educação. A proposta metodológica parte da seleção de episódios que retratam, de forma significativa, relações entre professores e alunos, práticas escolares excludentes ou acolhedoras, bem como situações em que a subjetividade, a criatividade e a imaginação são valorizadas ou reprimidas no ambiente educacional retratado.

Foram observadas e analisadas cenas da série que evidenciam conflitos escolares, preconceitos de ordem social e de gênero, práticas pedagógicas autoritárias e momentos de escuta e acolhimento. As categorias de análise foram definidas previamente com base nos objetivos da pesquisa, sendo elas: “práticas pedagógicas inclusivas”, “educação como espaço de resistência”, “subjetividade e criatividade na escola” e “escuta sensível e empatia no processo de ensino-aprendizagem”. As cenas foram interpretadas à luz de autores como Paulo Freire, que propõe uma educação humanizadora e dialógica; Maurice Tardif, que discute os saberes docentes; Maria Teresa Mantoan, com foco na inclusão escolar; e Lev Vygotsky, cuja teoria sobre imaginação e desenvolvimento infantil embasa a defesa de práticas criativas no contexto educativo. Como técnicas de pesquisa, utilizaram-se a análise de conteúdo e a revisão bibliográfica, articuladas à leitura crítica das cenas da série. A investigação não envolveu coleta de dados empíricos com sujeitos humanos, tampouco aplicação de instrumentos em campo. Por esse motivo, não se fez necessária a submissão a Comitês de Ética em Pesquisa. Do mesmo modo, o uso da obra audiovisual se restringe à sua

REFERENCIAL TEÓRICO

A série *Anne with an E* constitui um objeto de análise privilegiado para a pedagogia, ao dramatizar o embate entre práticas educacionais excludentes e a potência da subjetividade e da imaginação no ambiente escolar. Para fundamentar esta análise, o presente referencial teórico articula estudos contemporâneos sobre a série com os pensamentos canônicos de Paulo Freire, Maria Teresa Mantoan e Lev Vygotsky, organizando a discussão em eixos que se complementam.

A narrativa de *Anne with an E* expõe com clareza a função histórica da escola como um espaço de normatização. Nesta linha, o estudo de Da Silva e Guimarães (2019) é fundamental, ao analisar como a série evidencia a consolidação da instituição escolar no século XIX enquanto aparelho de disciplinamento. Os autores destacam o papel da escola na conformação de sujeitos dóceis e na reprodução de hierarquias sociais, moldando comportamentos segundo padrões que silenciam a diferença. A escola de Avonlea, com seu autoritarismo e sua pedagogia da memorização, materializa o que Freire (1996) denuncia como uma "educação bancária", na qual os alunos são vistos como recipientes vazios a serem preenchidos pelo professor, negando seu potencial criador e sua autonomia.

A exclusão vivenciada por Anne é multifacetada, atravessada por marcadores de classe, gênero e sua condição de órfã. A pesquisa de Caires e Oliveira (2021) aprofunda essa questão ao investigar a trajetória da personagem como um reflexo das representações sociais estigmatizantes sobre a criança institucionalizada. O estudo nos ajuda a compreender que o sentimento de não pertencimento de Anne é um fenômeno social construído. Somam-se a isso as análises de Melo (2022) sobre os papéis de gênero, que demonstram como a protagonista desafia constantemente os estereótipos vitorianos atribuídos às mulheres ao se posicionar de maneira inteligente e assertiva.

Essas múltiplas camadas de exclusão dialogam diretamente com a concepção de inclusão escolar defendida por Mantoan (2003). Para a autora, a inclusão genuína transcende a simples presença física do aluno na escola; ela exige uma transformação radical da cultura



escolar, que deve estar preparada para reconhecer, valorizar e trabalhar a partir das histórias e das singularidades de cada estudante. A luta de Anne por aceitação é, portanto, a luta pelo direito a uma educação que não apague quem ela é.

A utilização de narrativas ficcionais como recurso pedagógico é um caminho poderoso para a formação de sujeitos críticos e empáticos. Conforme apontam Grossklaus et al. (2022), a série *Anne with an E* pode ser uma estratégia didática para provocar deslocamentos na forma como se ensina e se aprende, permitindo abordar temas complexos de maneira sensível e dialógica. A obra torna-se, assim, um "texto pretexto" para discussões que extrapolam seus limites, conectando-se à vida dos alunos.

Essa abordagem encontra eco nas teorias de Lev Vygotsky (2009), para quem a imaginação não é uma atividade menor ou uma fuga da realidade, mas uma função psicológica superior, essencial ao desenvolvimento humano. Vygotsky argumenta que a criatividade é fundamental para a aprendizagem, pois permite ao indivíduo recombinar experiências e antecipar o futuro. A imaginação de Anne, vista por muitos como um defeito, é, sob a ótica vygotskiana, sua principal ferramenta para compreender o mundo, resolver problemas e, em última análise, transformar sua própria realidade.

Ao articular essas contribuições, este trabalho defende que *Anne with an E* ilumina caminhos para uma prática docente que seja, ao mesmo tempo, politicamente comprometida com a inclusão (Freire e Mantoan) e pedagogicamente aberta à potência da criatividade e da imaginação (Vygotsky). A série nos lembra que educar é um ato de acolhimento da complexidade humana, promovendo uma aprendizagem que seja significativa, libertadora e verdadeiramente transformadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise aprofundada da série *Anne with an E*, interpretada à luz do referencial pedagógico adotado, permitiu a sistematização dos achados em quatro categorias analíticas centrais. Estas categorias não são excludentes, mas se interconectam para revelar a complexidade das dinâmicas escolares e sociais retratadas. São elas: 1) A Pedagogia do Silêncio e da Norma: A Prática Docente Tradicional; 2) A Imaginação como Prática de Resistência e Ferramenta de Aprendizagem; 3) A Práxis da Inclusão: A Ruptura com o



A Pedagogia do Silêncio e da Norma: A Prática Docente Tradicional

A escola de Avonlea, sob a regência do professor Phillips, materializa um modelo educacional que visa à padronização e ao controle. Os achados empíricos, extraídos das primeiras temporadas, revelam uma prática docente pautada na memorização mecânica, na disciplina punitiva e na humilhação pública. A cena emblemática em que Anne é forçada a escrever no quadro-negro "Anne Shirley tem um gênio horrível" após quebrar sua lousada na cabeça de Gilbert Blythe não é um mero ato de indisciplina, mas um dispositivo de poder que visa a subjugar a aluna, expondo-a ao escárnio coletivo.

Esta prática corrobora a crítica de Freire (1996) à "educação bancária", na qual o professor se posiciona como o detentor exclusivo do saber e os alunos são transformados em objetos passivos. O silenciamento é a regra: não há espaço para perguntas, para a criatividade ou para a expressão da subjetividade. A análise de Da Silva e Guimarães (2019) se mostra precisa ao apontar a escola do século XIX como um espaço de disciplinamento dos corpos e das mentes, e o professor Phillips é a personificação dessa autoridade que não dialoga, apenas impõe. A exclusão de Anne, nesse primeiro momento, não se deve à sua capacidade intelectual, mas à sua recusa em se enquadrar na norma do silêncio e da passividade.

A Imaginação como Prática de Resistência e Ferramenta de Aprendizagem

Frente à rigidez do ambiente escolar e social, a principal ferramenta de Anne é sua imaginação. O que é inicialmente visto como um devaneio infantil ou um defeito moral ("falar demais", "fantasiar") revela-se uma potente estratégia de sobrevivência e uma sofisticada ferramenta de aprendizagem. Ao renomear lugares como o "Lago das Águas Brilhantes" ou o "Bosque Assombrado", Anne não foge da realidade, mas a ressignifica, criando uma camada de afeto e sentido sobre um mundo que, muitas vezes, se mostra hostil.

Esta categoria dialoga diretamente com o pensamento de Vygotsky (2009), que entende a imaginação como uma função psicológica superior, intrinsecamente ligada à capacidade de planejar, criar e transformar a realidade. A criação do "clube do conto" por Anne e suas amigas é um achado empírico central: um currículo paralelo, autogerido pelas alunas, onde elas exercitam a autoria, a colaboração e a criatividade – competências



totalmente negligenciadas pela escola formal. A imaginação, portanto, é aqui analisada não como escapismo, mas como **um ato de resistência** pedagógica e política, uma forma de construir conhecimento e identidade à margem da instituição.

A Práxis da Inclusão: A Ruptura com o Modelo Vigente

A chegada da professora Muriel Stacy na segunda temporada representa um ponto de inflexão na narrativa e o principal contraponto ao modelo do professor Phillips. Seus métodos são a antítese da pedagogia tradicional: ela promove aulas ao ar livre, utiliza experimentos práticos, incentiva o trabalho em grupo e, acima de tudo, valoriza a individualidade de cada aluno. A cena em que ela organiza uma feira de ciências e incentiva a participação de todos, independentemente de suas "aptidões", é um exemplo claro de uma prática que busca ativamente a inclusão.

A professora Stacy encarna o conceito do "profissional reflexivo" de Schön (2000), que repensa sua prática e se adapta às necessidades de seus alunos. Mais do que isso, sua pedagogia se alinha aos princípios da inclusão escolar de Mantoan (2003), pois ela não apenas "tolera" a diferença, mas a enxerga como potência. Ao encorajar Anne a seguir sua paixão pela escrita e ao defender o talento artístico de Cole Mackenzie, ela promove uma educação que acolhe as múltiplas formas de ser e de aprender. A sua práxis demonstra que a construção de um ambiente escolar inclusivo depende fundamentalmente da postura ética, política e afetiva do educador.

Para Além dos Muros da Escola: O Currículo Oculto e os Marcadores Sociais da Exclusão

Por fim, a análise evidencia que a exclusão na escola de Avonlea não se restringe às práticas pedagógicas, mas é alimentada por um "currículo oculto" que reproduz os preconceitos da sociedade. Os achados empíricos mostram como múltiplos marcadores sociais operam para marginalizar os sujeitos. Anne é estigmatizada por ser órfã e pobre, como bem analisam Caires e Oliveira (2021). Gilbert é inicialmente hostilizado por ser um "andarilho" após a morte do pai. Cole é brutalmente assediado por sua sensibilidade e expressão de gênero não-hegemônica. A personagem Ka'kwet, por sua vez, expõe a violência explícita do racismo e do colonialismo por meio das escolas residenciais para indígenas.

A série, conforme aponta Melo (2022), também escancara o machismo estrutural, onde as aspirações intelectuais das meninas são constantemente desvalorizadas. Esses elementos demonstram que a escola não é uma ilha, mas um microcosmo das disputas e desigualdades sociais. Portanto, uma discussão sobre práticas pedagógicas inclusivas, como propõe a série, é indissociável de uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder que perpetuam o preconceito. A trajetória de Anne e seus amigos inspira a pensar em uma educação que não apenas ensine conteúdos, mas que ativamente eduque para a empatia, para o respeito às diferenças e para a justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta análise, retoma-se o objetivo central que norteou a pesquisa: analisar as reflexões pedagógicas presentes na série *Anne with an E*, compreendendo-a como um potente artefato cultural para o debate educacional contemporâneo. A trajetória da protagonista, Anne Shirley, em seu confronto com um sistema escolar rígido e excluente, demonstrou ser um terreno fértil para a discussão de temas caros à pedagogia, como a inclusão, a prática docente, o papel da imaginação na aprendizagem e a luta contra as opressões no ambiente escolar.

A principal conclusão deste estudo é que a obra transcende sua dimensão ficcional para se configurar como um espelho crítico das práticas educacionais. A pesquisa evidenciou o profundo abismo entre dois modelos pedagógicos que coexistem na narrativa: de um lado, a pedagogia da norma e do silenciamento, representada pelo professor Phillips e alinhada à crítica de Paulo Freire (1996) à "educação bancária"; de outro, a práxis da inclusão e da escuta sensível, encarnada pela professora Muriel Stacy, cuja atuação dialoga com os princípios do educador reflexivo de Donald Schön (2000) e com a defesa de uma escola para todos de Maria Teresa Mantoan (2003). Conclui-se, portanto, que a série defende, por meio de sua narrativa, uma educação que humaniza, que acolhe as singularidades e que reconhece a imaginação, na perspectiva de Vygotsky (2009), não como desvio, mas como potência criadora fundamental ao desenvolvimento humano.

No que tange à aplicação dos achados, esta pesquisa oferece contribuições significativas para a comunidade científica e, especialmente, para a formação de professores. A análise aqui empreendida pode servir como subsídio para práticas de formação inicial e continuada, utilizando a série como um dispositivo de reflexão-ação, no qual educadores são



IX Seminário Nacional do PIBID
ENALIC

IX Seminário Nacional do PIBID

convidados a analisar suas próprias práticas à luz dos dilemas vividos pelos personagens. A discussão sobre o "currículo oculto e os marcadores sociais da exclusão (gênero, classe, origem) reforça a urgência de se trabalhar com uma pedagogia crítica e interseccional, capaz de reconhecer e combater as múltiplas formas de opressão que ainda se manifestam no cotidiano escolar.

Reconhece-se, contudo, que este trabalho possui limites. Por se tratar de um estudo de caráter interpretativo e focado em uma única obra, suas conclusões não são generalizáveis, mas sim indicativas de tendências e possibilidades reflexivas. Abre-se, assim, um leque de oportunidades para novas pesquisas que possam aprofundar as questões aqui levantadas. Sugere-se a realização de estudos comparativos com outras obras audiovisuais que retratem o ambiente escolar, bem como pesquisas de recepção que investiguem como estudantes e professores da educação básica interpretam as mensagens pedagógicas da série. Adicionalmente, análises mais aprofundadas sobre temas específicos, como a representação da educação indígena na trágica história de Ka'kwet, poderiam render investigações de grande relevância social e acadêmica.

Finalmente, este artigo reafirma a importância de se pensar a educação para além de seus muros técnicos e curriculares. *Anne with an E* nos lembra que educar é, em sua essência, um ato de esperança, de empatia e de coragem. É a aposta em um futuro onde cada criança, com suas peculiaridades, histórias e sonhos, não apenas caiba na escola, mas a transforme.

REFERÊNCIAS

CAIRES, C. C. S.; OLIVEIRA, C. S. A representação social da órfã na série “Anne With An E”. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES, 7., 2021, Ilhéus. *Anais* [...]. Ilhéus: UESC, 2021.

DA SILVA, T. E.; GUIMARÃES, G. C. A educação em Anne with an E: um olhar sobre o século XIX. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, v. 19, p. 1-20, e019041, 2019.

DA SILVA, T. E.; GUIMARÃES, G. C. A educação em Anne with an E: um olhar sobre o século XIX. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, v. 19, p. 1-20, e019041, 2019.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



GROSSKLAUS, C. H. S. *et al.* A abordagem de temas sensíveis em sala de aula através da série Anne with an E. **Revista Thema**, v. 21, n. 2, p. 302-316, 2022.

X Encontro Nacional das Licenciaturas

IX Seminário Nacional do PIBID

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

MELO, B. A. A. R. Anne With an "E": uma análise da representação feminina e do feminismo na obra. **Caderno de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 110-128, 2022.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VYGOTSKY, Lev. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.